

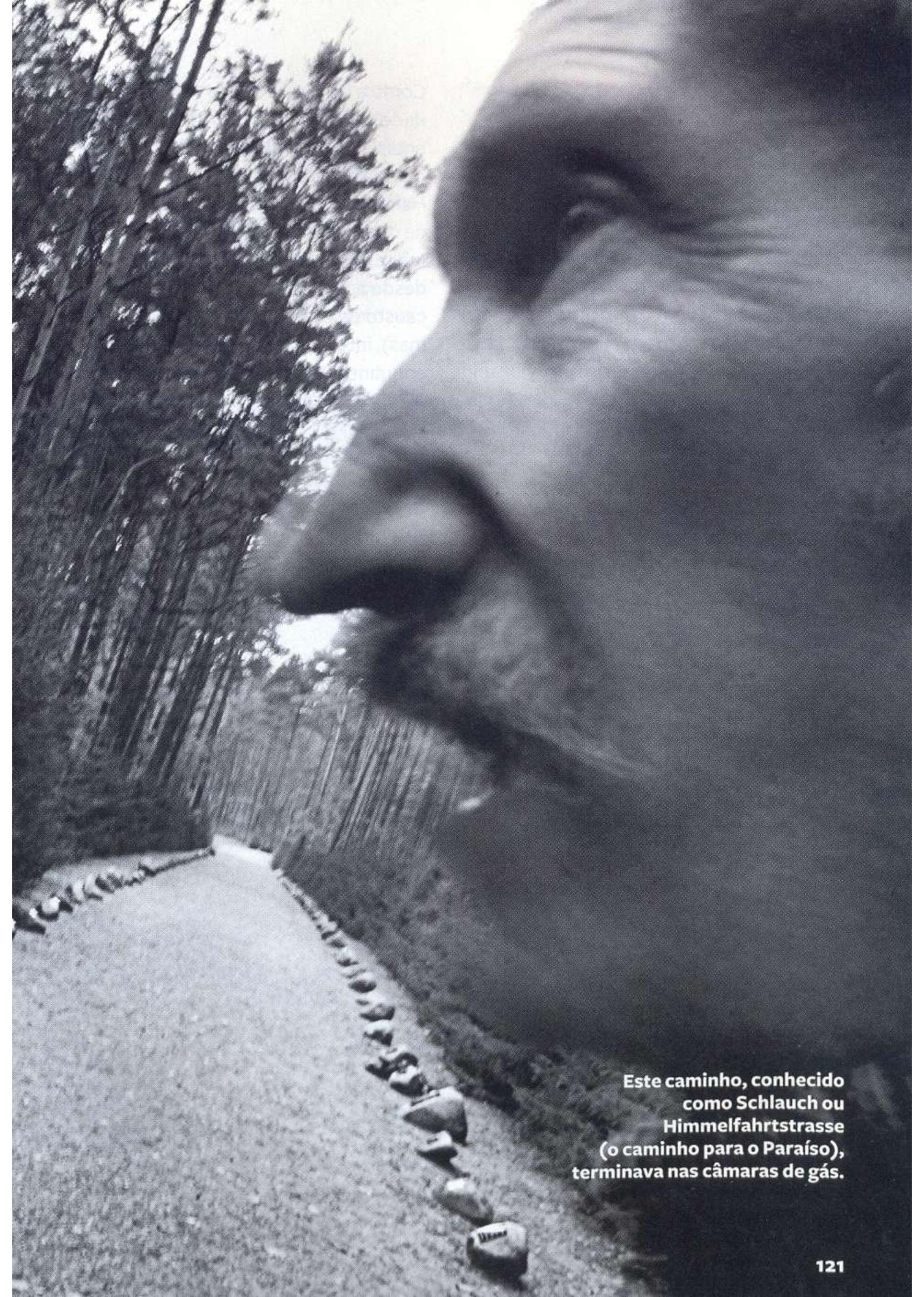
REPORTAGEM ESPECIAL

# Os segredos de Sobibor

Uma história contada

Depois da revolta num campo de extermínio no meio de uma floresta polonesa, os nazistas queimaram, explodiram e soterraram o local. Mas sobreviventes, testemunhas e, agora, um grupo de cientistas revelam a terrível verdade de Sobibor.

POR LEONARD FELSON  
FOTOGRAFADO POR ANTONIN KRATOCHVIL



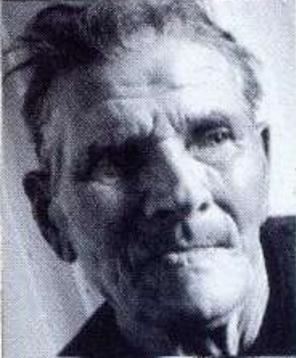
Este caminho, conhecido  
como Schlauch ou  
Himmelfahrtstrasse  
(o caminho para o Paraíso),  
terminava nas câmaras de gás.



## O povo de Sobibor

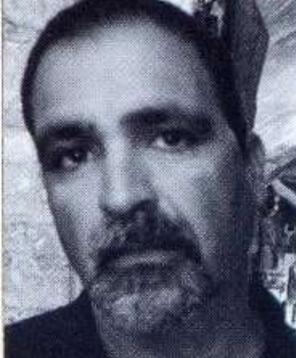
### A sobrevivente

Selma Wijnberg Engel, 88 anos; joalheira aposentada; Branford, Connecticut, EUA



### O aldeão

Jan Manaj, 83 anos; agricultor; Luta, Polônia



### O buscador

Yoram Haimi, 49 anos; arqueólogo e chefe da expedição do Instituto Internacional Yad Vashem de Pesquisa do Holocausto e Universidade Ben-Gurion do Neguev, Israel



### O arqueólogo

Richard Freund, 55 anos; diretor do Centro Maurice Greenberg de Estudos Judaicos da Universidade de Hartford



### O historiador

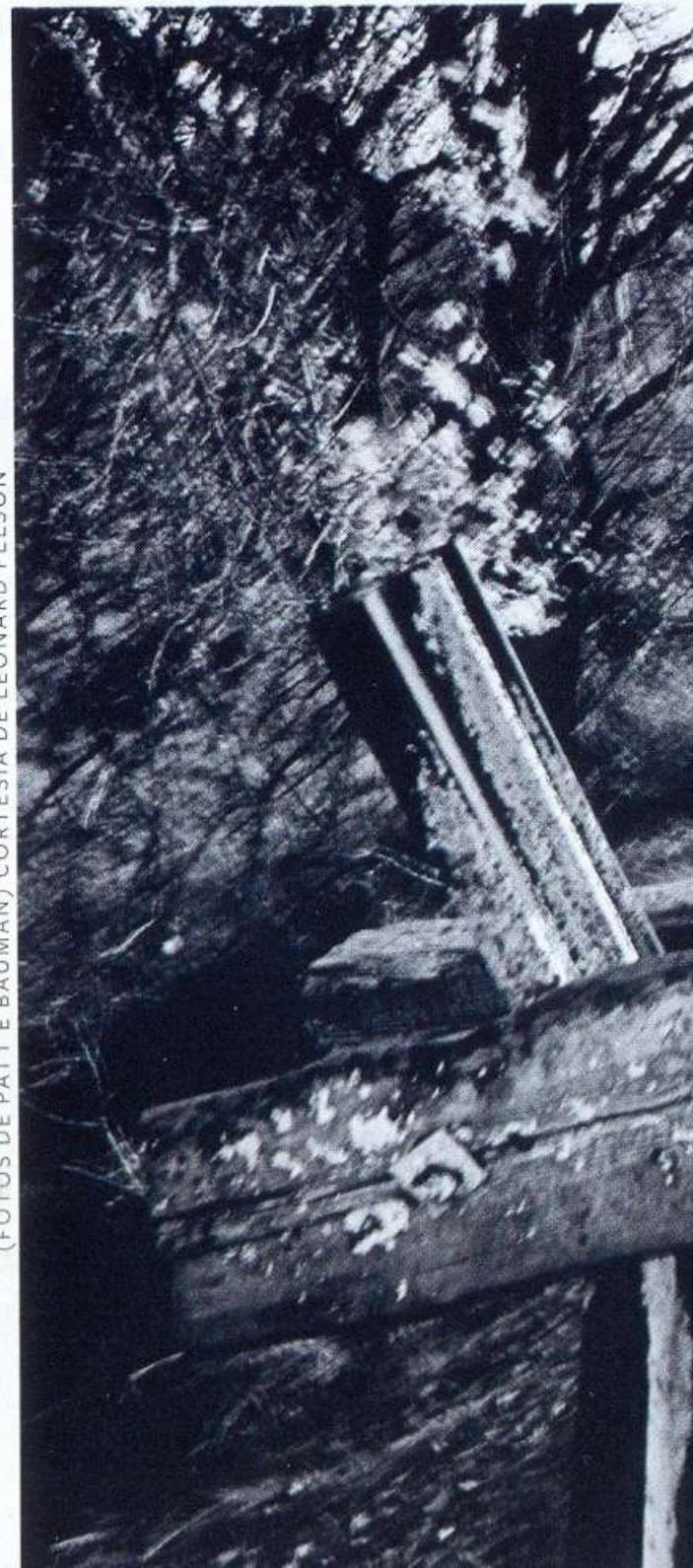
Avinoam "Avi" Patt, 34 anos; professor-assistente de história do Centro Maurice Greenberg de Estudos Judaicos da Universidade de Hartford



### O geofísico

Paul Bauman, 51 anos; geofísico-chefe da WorleyParsons, empresa global de energia, mineração e engenharia de Calgary, no Canadá

Como a história descobre uma atrocidade? Como a ciência entende o mal? Na equipe que examinou Sobibor em 2008 há especialistas de todos os tipos. Yoram Haimi, arqueólogo israelense e sobrinho de duas vítimas de Sobibor, comandou três expedições ao campo de extermínio desde 2007. Avi Patt, historiador do Holocausto de Connecticut (e bisneto de vítimas), interpreta o passado para a equipe, enquanto Richard Freund, estudioso do



(FOTOS DE PATT E BAUMAN) CORTESIA DE LEONARD FELSON

judaísmo, ajudou a obter financiamento e a divulgar o trabalho a ser feito. Para revelar o que está enterrado sem desrespeitar os mortos, a equipe depende dos instrumentos do geofísico canadense Paul Bauman. E, naturalmente, para ajudar o mundo a recordar o que nunca deve ser esquecido, a História precisa de testemunhas como Jan Manaj e sobreviventes como Selma Engel, que falam em primeira mão.

**“Fui criada** em Zwolle, na Holanda. Meus pais tinham um hotel *kosher*. O meu pai morreu em 1941, antes que os alemães começassem a caçar os judeus. Depois que minha irmã e meus três irmãos foram mandados para a Polônia pelos alemães, não quis mais morar no apartamento. Um padre católico arranhou um lugar para eu ficar. Certa noite, a Gestapo invadiu a casa. Não tive tempo de fugir. Estava com

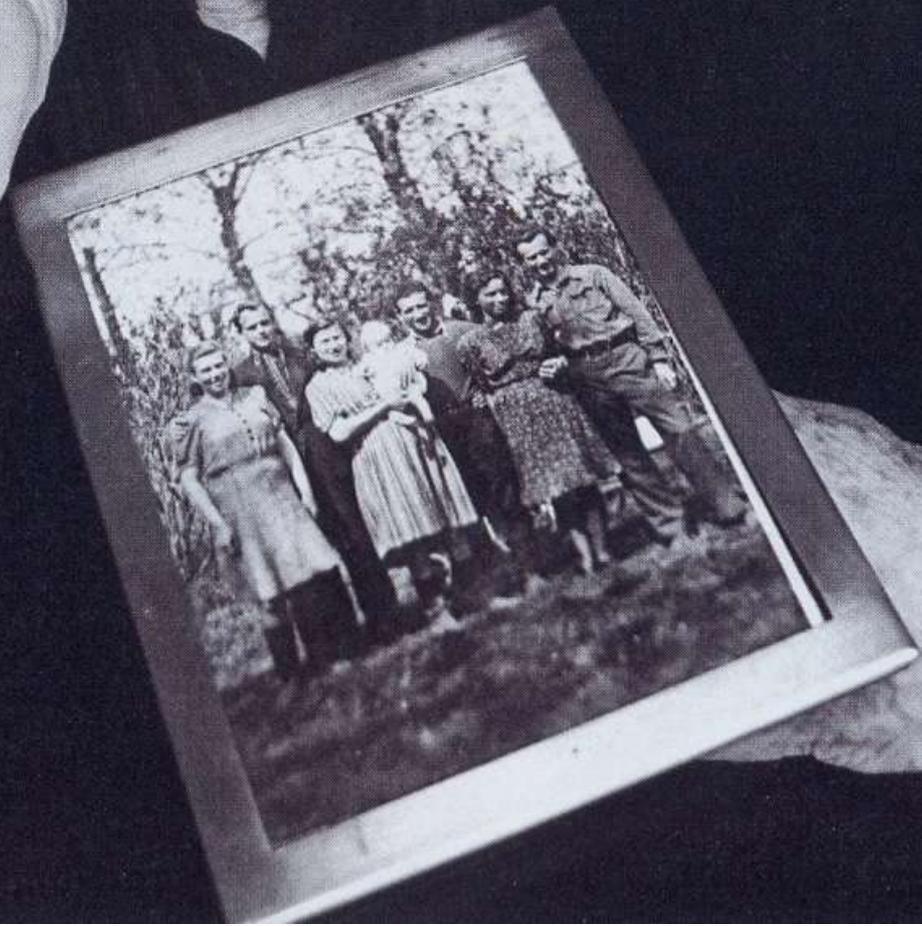


**“Ficamos no trem durante três dias e três noites. Quando ele parou, pessoas na cidade tentavam dizer que estávamos indo morrer, mas nós não entendíamos. As portas do trem se abriram, e as pessoas caíram umas em cima das outras.”**

*Selma Engel*

“Os alemães disseram que eles tinham de tomar banho por causa do surto de tifo. Depois, permitiram que eles escrevessem para a família na Holanda e contassem que haviam chegado ao campo. Vi pessoas indo para os chuveiros com a família inteira. Ouvi um menino falar para o pai ‘Quero ir com você, papai.’ E o pai respondeu: ‘Depois do banho, vamos nos ver novamente.’”

*Selma Engel*



20 anos. Então [depois da prisão em Amsterdã e do campo de concentração nos Países Baixos], me mandaram para Sobibor num trem de carga.”

*Selma Engel, a sobrevivente*

“**No fim** da 2ª Guerra Mundial, muitos campos foram destruídos, demolidos ou queimados para não serem descobertos pelas tropas aliadas. A pergunta sem resposta era: o que aconteceu com Sobibor? [...] Este é exatamente o tipo de projeto que podemos fazer. Em vez de passar anos cavando sem direção, podemos mapear o subterrâneo para determinar onde cavar. Do ponto de vista arqueológico, Sobibor é território virgem. Nunca foi sistematicamente escavado desde que os nazistas o eliminaram, plantando árvores para esconder o lugar. Seremos [a equipe] os primeiros a documentar, de maneira digna e cientificamente exata, todo o sinistro processo sem ter de perturbar os restos mortais humanos.”

*Richard Freund, o arqueólogo*

“**Havia** aproximadamente 167 mil pessoas na lista de transporte. Partiam e, duas horas depois, tinham virado cinzas. Quando chegamos para mapear o local, senti um nó na garganta. É uma área desolada, cheia de mato, e meio abandonada. Dá para perceber como aquilo tudo era insano, como era desesperador para quem saía dos trens. Não faziam ideia do que os aguardava.”

*Paul Bauman, o geofísico*

“**Antes da guerra**, Luta era uma aldeia predominantemente ucraniana,

com poloneses e judeus. Tive amigos judeus na escola: Hanshe, Moishe, Yankel. Hanshe era muito bonita. E os alemães vieram e levaram essas famílias judias para a floresta e as fuzilaram. Em Luta, todo mundo sabia que os alemães estavam construindo um campo de extermínio ali perto, mas ninguém dizia nada. Cada um cuidava de si. Certa vez, todos os homens foram levados pelos alemães para serem fuzilados como retaliação por ataques de membros da Resistência aos soldados alemães. Quase foram executados, mas as mulheres de Luta os trouxeram de volta. Pagaram aos alemães um suprimento enorme de ovos frescos.”

*Jan Manaj, o aldeão*

“**Os passageiros** [que desembarcavam] na estação tinham de passar por vários procedimentos: divisão por sexo, entrega da bagagem, remoção das roupas, corte do cabelo das mulheres e confisco de posses e valores. A caminho das câmaras de gás, as vítimas nuas passavam por vários prédios: alojamentos; a antiga casa de um guarda-florestal (usada como escritório do campo e moradia de alguns homens da SS); uma pequena área agrícola com estábulos para cavalos, gado, porcos, galinhas e gansos; e uma pequena capela católica de madeira. Uma alta torre de observação dominava toda a área. O extermínio acontecia na parte noroeste do campo, a mais isolada. Nesse local ficavam as câmaras de gás, as valas comuns e o alojamento dos prisioneiros judeus ali empregados. Um caminho de um metro a um me-

tro e meio de largura e 150 metros de comprimento ia da área de recepção à de extermínio. O caminho era cercado de arame farpado dos dois lados, entrelaçado com galhos de pinheiro. Por ele, as vítimas nuas eram levadas para as câmaras de gás.” *Richard Freund*

**“Éramos surrados** com chicotes. Havia uma mulher. O bebê caiu e ela perguntou: ‘Posso pegar meu bebê?’ Um alemão lhe deu um tapa na cara. Ela sangrou. Ele disse: ‘Vamos cuidar do seu bebê.’ E jogaram os dois no fogo. Dali, passamos por um monte de alemães e eles me escolheram [junto com] um grupo de holandesas que conheci na cadeia de Amsterdã. Acabamos ficando juntas, e essa foi a nossa sorte. Os alemães nos disseram: ‘Fiquem de lado.’ Não fazíamos ideia do que nos aconteceria.”

*Selma Engel*

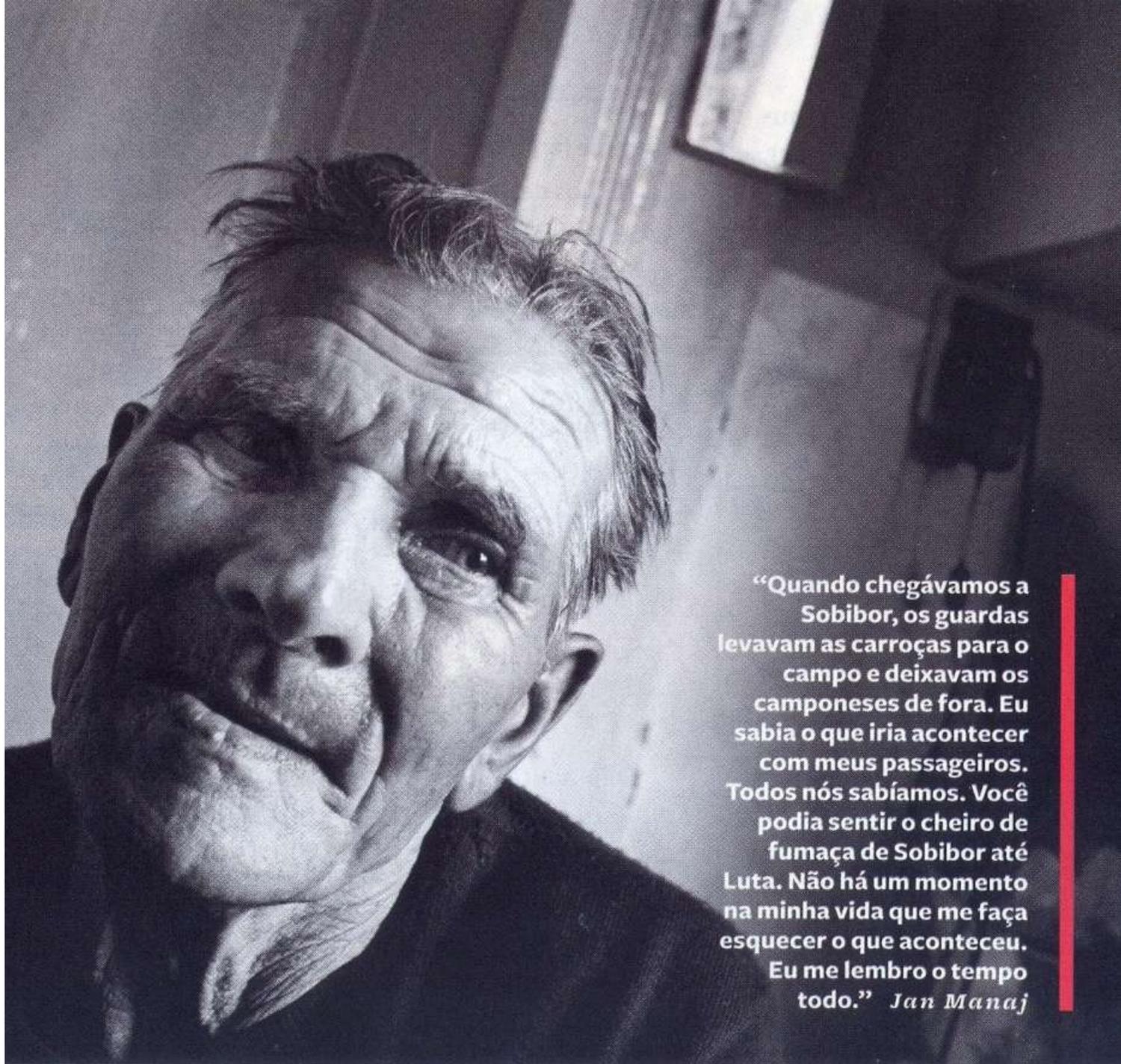
**“A maioria** dos meus amigos judeus e seus familiares nunca chegou a Sobibor. Foram levados para a floresta, fuzilados e depois enterrados à beira da estrada. Quando eu estava com uns 16 anos, fui obrigado, num dia frio de dezembro de 1942, a levar o cavalo e a carroça de madeira da família, que usávamos para carregar feno ou produtos agrícolas, para transportar judeus para Sobibor. Não fui o único. Todos os camponeses tiveram de fornecer carroças. O meu pai deveria transportar os judeus, mas estava com tanto medo que se escondeu e eu tive de fazer o serviço.”

*Jan Manaj*

**“Sobibor** foi o segundo centro de extermínio construído pela Operação Reinhard. Ficava junto à ferrovia Chelm-Wlodawa, numa região pantanosa, coberta de florestas e pouco povoada. O campo ocupava uma área retangular de 400 por 600 metros e era cercado por um campo minado de 15 metros de largura. Na verdade, foi para esse lugar que deportaram meus bisavós maternos de Viena, na primavera de 1942, para lá encontrar a morte.”

*Avi Patt, o historiador*

**“Usamos** o GPR – *ground penetrating radar* [radar de penetração no solo]. É como se fosse uma ressonância magnética do solo. Esperávamos ver material de construção, concreto, madeira, materiais que não seriam percebidos por outros instrumentos. Empregamos um detector de metal de alta resolução, do tipo usado para procurar estilhaços e bombas não detonadas. Queríamos encontrar trilhos, arame farpado, enxadas, pás, talheres. Tínhamos outro detector, um EM 38. Ele é sensível a mudanças sutis de condutividade. Consegue diferenciar do solo virgem o fundo compactado de uma vala. Poderíamos usá-lo para descobrir locais de sepultamento coletivo caso as cinzas



“Quando chegávamos a Sobibor, os guardas levavam as carroças para o campo e deixavam os camponeses de fora. Eu sabia o que iria acontecer com meus passageiros. Todos nós sabíamos. Você podia sentir o cheiro de fumaça de Sobibor até Luta. Não há um momento na minha vida que me faça esquecer o que aconteceu. Eu me lembro o tempo todo.” *Jan Manaj*

largassem sal, como costuma acontecer. O magnetômetro media, com resolução altíssima, o campo magnético da terra. Duas coisas mudam o campo magnético: ferro ou aço enterrados e material queimado.” *Paul Bauman*

“**Cresci** ouvindo falar dos meus tios Maurice e Yahia Ben Zaquen, que, na década de 1930, saíram do Marrocos, onde nasceram, para abrir um estúdio fotográfico em Paris. Mandavam dinheiro e cartas para a família em casa. As cartas sempre terminavam dizen-

do “Cuidem da nossa irmãzinha”, que era a minha mãe. Em 1941, depois que os alemães ocuparam Paris, as cartas pararam subitamente. Há quatro anos, acordei de repente precisando saber o que lhes acontecera. Fui ao Yad Vashem, memorial do Holocausto em Israel e autoridade mundial em documentação e arquivamento daquela história.” *Yoram Haimi, o buscador*

“**Os alemães** fuzilaram e mataram mais de um milhão de judeus nas comunidades, mas era muito difícil, trabalhoso

e um desperdício de munção. Heinrich Himmler, líder da SS, disse: “Precisamos de um jeito mais fácil.” Assim, levaram para Sobibor a equipe de eutanásia, que secretamente já matara pessoas com gás na Alemanha. Franz Stangl [comandante de Sobibor] era um deles. Em termos psicológicos, ficou mais fácil para os alemães, porque não tinham de matar um por um.” *Avi Patt*

“**Fomos** mandadas para um pequeno alojamento. À tarde, tivemos de começar a trabalhar. Tínhamos de separar o conteúdo das mochilas. Vimos pacotes de alimentos e roupas muito boas. Às vezes achávamos crianças na bagagem.

Depois, vi todas as mulheres sem cabelo. Elas iam para o alojamento dos chuveiros, só que não saía água...”

*Diário de Selma Engel, 9 de abril de 1943*

“**Quando** cheguei [ao local], meu coração começou a bater forte. Senti a eletricidade nos dedos.” *Yoram Haimi*

“**Haimi** tentou uma das tarefas mais audaciosas para um escavador: escavar um lugar com o qual se tem uma ligação pessoal – o campo de extermínio.”

*Richard Freund*

Arame farpado  
Cartuchos de balas  
Tesouras de cutícula  
Estribo ou salto de uma bota de soldado  
Placa de metal e prato de sopa  
Roda de bicicleta  
Facas  
Colheres  
Fivelas de cinto  
Isqueiros  
Cigarreiras de metal  
Fracos de perfume e remédios  
Dentaduras  
Copos  
Jarras que provavelmente continham desinfetante  
– Lista parcial dos achados da equipe

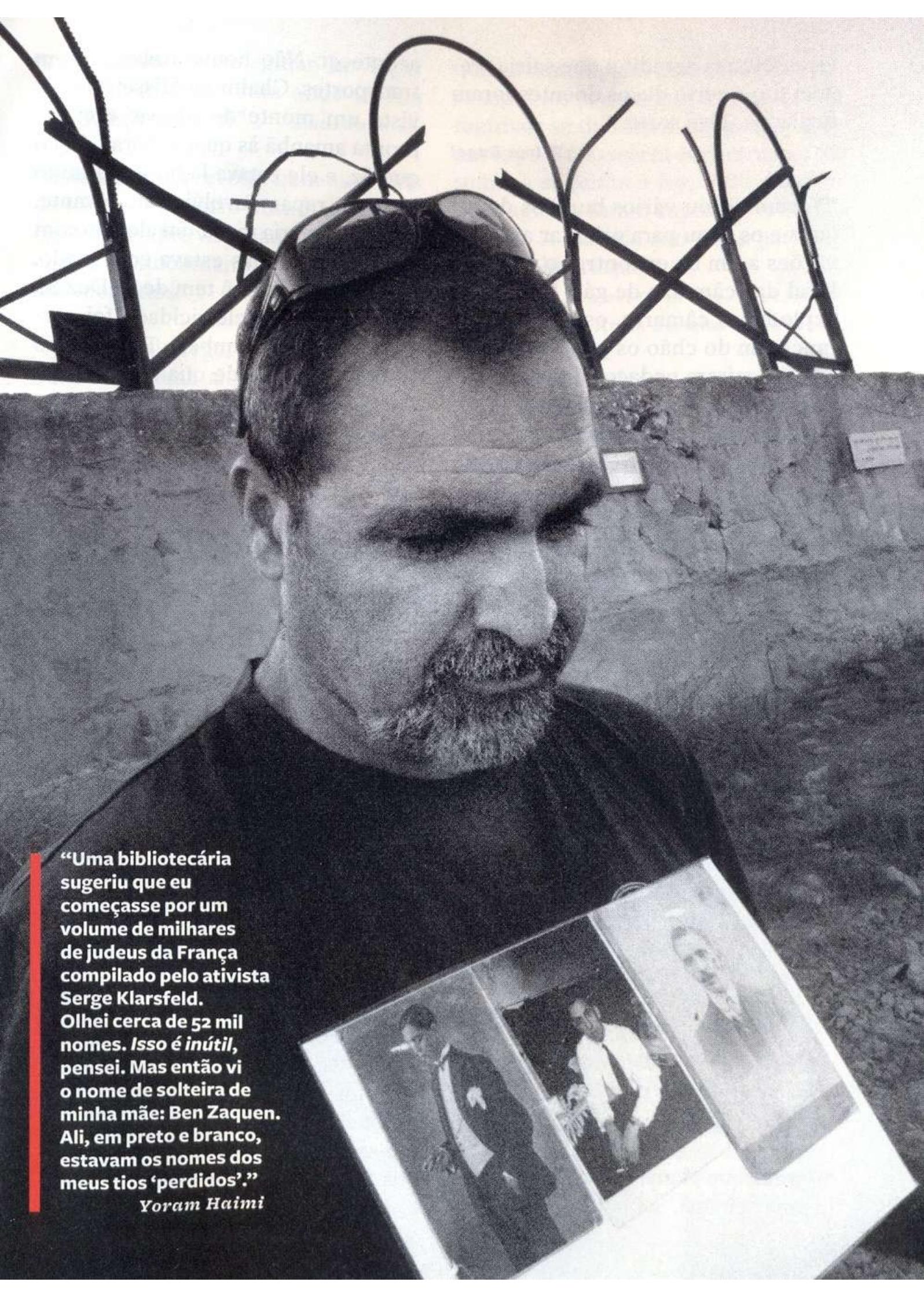
“**Todos os dias**, os alemães nos mandavam fazer coisas. Um dia tínhamos de andar horas e cantar. Alguns judeus possuíam instrumentos, e éramos obrigados a dançar. Chaim Engel me tirou para dançar. A primeira vez que o vi, ele se apaixonou por mim na mesma hora. Foi assim que conheci meu marido Chaim. No primeiro dia. Ele era da Polônia. Eu não sabia o que estava acontecendo em Sobibor, até que dois prisioneiros me contaram que todos os que chegaram ao mesmo tempo que eu foram mandados para as câmaras de gás e depois queimados.” *Selma Engel*

“**Quando** as câmaras de gás se enchiam de vítimas,

o gás lançado nas salas as asfixiava em 20 a 30 minutos. Antes de serem [queimados] e enterrados, os corpos eram revistados em busca de objetos de valor, e os dentes de ouro eram removidos.”

– Excavating Nazi Extermination Centres (*Escavando centros de extermínio nazistas*), de Isaac Gilead, Yoram Haimi e Wojciech Mazurek, 2009

“**Roubávamos** as mochilas. Havia comida lá. Eu era muito boa nisso. Punha no sutiã, na calcinha. Por isso ficamos



**“Uma bibliotecária sugeriu que eu começasse por um volume de milhares de judeus da França compilado pelo ativista Serge Klarsfeld. Olhei cerca de 52 mil nomes. Isso é inútil, pensei. Mas então vi o nome de solteira de minha mãe: Ben Zaquen. Ali, em preto e branco, estavam os nomes dos meus tios ‘perdidos’.”**

*Yoram Haimi*

vivas. Nunca acreditei que sairia. Peguei tifo e certo dia os doentes foram fuzilados. Tive sorte.”

*Selma Engel*

“**Yoram** notou vários buracos de pilares e os usou para orientar as escavações a fim de encontrar o possível local das câmaras de gás. Depois de explodir as câmaras, os alemães arrancaram do chão os pilares de concreto e caíram pedaços de metal nos buracos, que foram identificados como anomalias magnéticas.”

*Paul Bauman*

“**A revolta** de Sobibor aconteceu por causa dos oficiais judeus do exército soviético que tinham sido aprisionados em 1943, quando o rolo compressor do exército nazista se aprofundou na União Soviética. Esses oficiais treinados e em boa forma física formaram o núcleo dos revoltosos de lugares como Sobibor.”

*Richard Freund*

“**Eles imaginaram** um plano ousado. Os oficiais da SS seriam atraídos para o depósito com o pretexto de receberem casacos e botas novos. Lá dentro, seriam atacados pelos prisioneiros e mortos com machados e facas. As armas nazistas seriam apreendidas e, na hora da conferência dos prisioneiros, o campo seria incendiado. Todos teriam a chance de correr para a liberdade. Uma vez fora dos portões de Sobibor, seria cada um por si.”

*Avi Patt*

“**Parece** que planejaram a fuga durante uma semana. Sabíamos que algo ia

acontecer. Não houve trabalho nem transportes. Chaim me disse: ‘Selma, vista um monte de roupas e esteja pronta amanhã às quatro horas.’ Foi o que fiz, e ele estava lá me esperando com um rapaz envolvido no levante. O rapaz deveria matar um alemão com outra pessoa, mas estava com medo. Chaim disse: ‘Você tem de ir. Dez SS estão mortos, a eletricidade foi cortada, o telefone também. Eles sabem. Estamos mortos de qualquer modo.’ Chaim estava com uma faca de pão. Saímos quando veio o sinal [na hora da conferência dos prisioneiros] e fiquei sozinha. Aí a porta se abriu e lá veio Chaim. Foi um milagre. Como eu iria embora sozinha? Pus um lenço no braço dele, ele pegou minha mão e disse: ‘Venha’, e saímos correndo. Todos começaram a correr para a entrada. Corremos, corremos, corremos.”

*Selma Engel*

“**Ao anoitecer**, mais da metade dos prisioneiros – umas 300 pessoas – tinha fugido. A maioria foi morta pelos perseguidores nazistas ou ao cruzar o campo minado. Depois da revolta, alguns entraram para unidades da Resistência; outros foram abrigados por poloneses solidários. Estima-se que só 50 dos fugitivos sobreviveram à guerra.”

*Avi Patt*

**“Eu tentava** me imaginar no lugar [dos que fugiam]: Para onde ir? Em que direção correr?”

*Paul Bauman*

**“Esta é a única** revolta bem-sucedida de toda a 2ª Guerra Mundial. No início, sonhei que vinha aqui. Talvez encontre os documentos de identidade dos meus tios.”

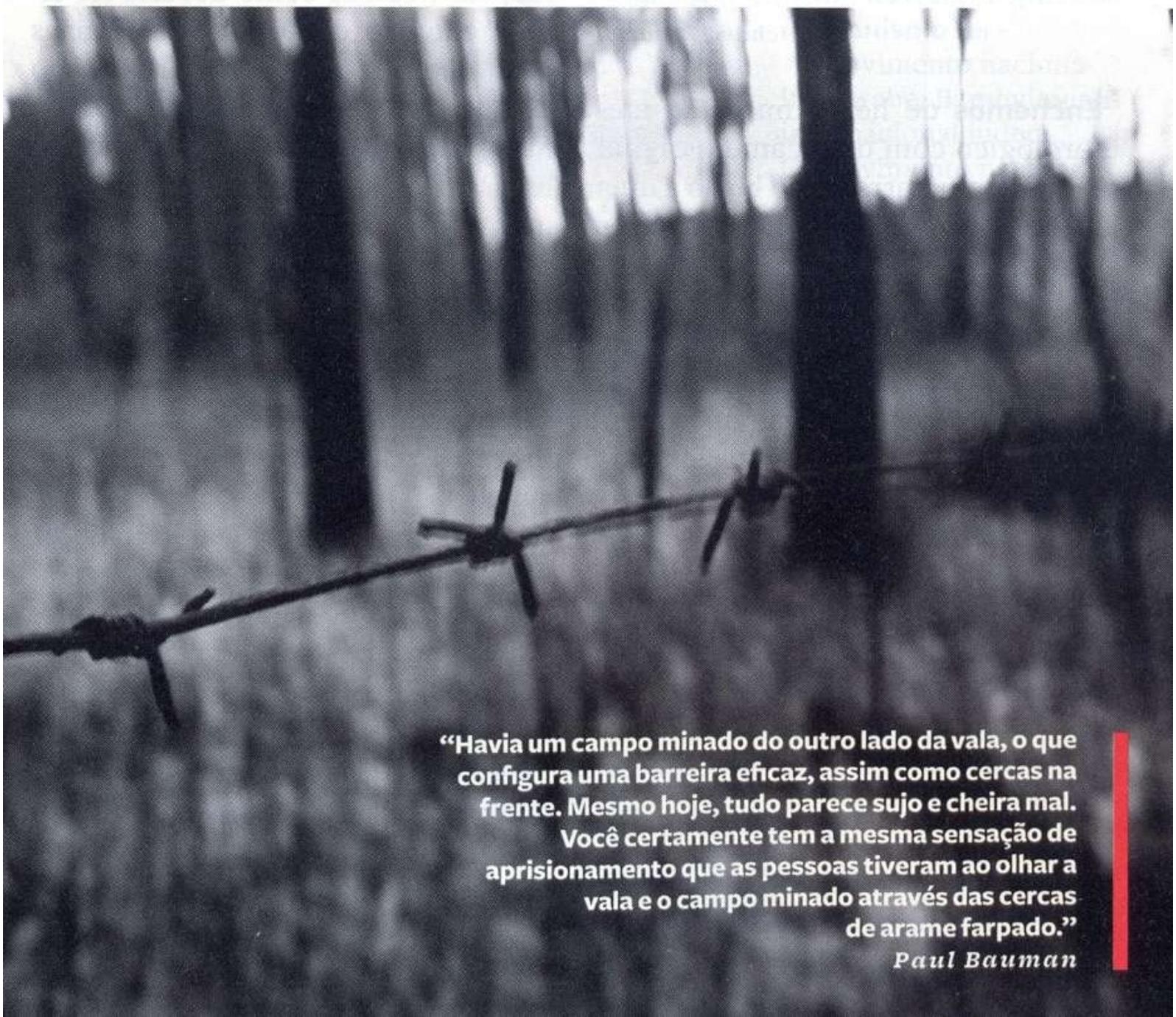
*Yoram Haimi*

**“A notícia** da fuga, que chegou até o quartel-general alemão com algum atraso graças ao corte das linhas telefônicas, causou bastante pânico. Só ao amanhecer começaram a procurar os

que haviam fugido. Usaram aviões para segui-los por campos e florestas. Os fugitivos se dividiram em grupos menores para não serem encontrados. Na semana seguinte à fuga, 100 dos 300 que fugiram foram capturados ou fuzilados. A maioria não viveu para ver o dia da libertação.”

*The Nizkor Project (O projeto Nizkor), de Yitzhak Arad, Estudos Yad Vashem*

**“Chaim** foi o único homem que levou a namorada. Estávamos na floresta, e um grupo de pessoas de Sobibor queria matar Chaim porque não desejava-



**“Havia um campo minado do outro lado da vala, o que configura uma barreira eficaz, assim como cercas na frente. Mesmo hoje, tudo parece sujo e cheira mal. Você certamente tem a mesma sensação de aprisionamento que as pessoas tiveram ao olhar a vala e o campo minado através das cercas de arame farpado.”**

*Paul Bauman*

va que eu fosse junto. [Temiam que Selma, que não parecia polonesa nem falava a língua, os denunciasse.] Assim, eu e Chaim seguimos sozinhos. Fiquei seis meses em Sobibor. Chaim ficou lá um ano.” *Selma Engel*

“**O campo** foi destruído e coberto de terra e árvores, para dar a impressão de que nunca existira. Os oficiais nazistas temiam que outros campos se revoltassem e sobreviesse o caos. Ironicamente, na tentativa de encobrir o que acontecera, os nazistas deram aos arqueólogos as melhores provas desse crime indizível: um sítio intocado.”

*Richard Freund*

“**Enchemos** de hélio um balão meteorológico com uma câmera digital pendurada, amarramos o balão a uma linha e o deixamos flutuar 300 metros acima do local. A câmera tirou centenas de fotografias, que comparamos com uma foto aérea de 1944 tirada pela Luftwaffe, a força aérea alemã, seis meses antes da demolição do campo. Vimos imediatamente os vários tons de verde do capim [...]. As áreas verde-escuras foram associadas às covas rasas, porque as cinzas são um ótimo fertilizante. Quando se pensa no fato de que agora as cinzas de cada vítima ocupam o volume de uma xícara de chá, dá para perceber que olhamos o túmulo coletivo de dezenas de milhares de pessoas.” *Paul Bauman*

“**Toda a minha** família foi morta. Não me restou ninguém na Holanda. Todos foram para as câmaras de gás.

Pessoas saudáveis com filhos. Crianças de 12, 13, 14 anos. É algo que ninguém consegue entender. E é algo que hoje me faz sofrer muito. Não consigo dormir à noite.” *Selma Engel*

“**Quando** conto à família ou aos amigos a história do que aconteceu, ninguém acredita. Acham que são contos de fadas.” *Jan Manaj*

“**Há 20 mapas** diferentes de Sobibor [desenhados com base nas lembranças de sobreviventes e dos alemães e ucranianos que trabalharam lá]. Queremos mapear Sobibor como deveria ter sido. Acho que, depois que os alemães explodiram os prédios importantes do campo, enterraram tudo numa vala na floresta. Para o arqueólogo, é o melhor lugar para escavar. E ainda procuramos as câmaras de gás. Também há o plano de construir um museu quando terminarmos as escavações. Quatro países trabalham nisso: Polônia, Israel, Holanda e Eslováquia. Mas precisamos de financiamento. Não aceito dinheiro, não quero dinheiro. É só o suficiente para pagar os trabalhadores e terminar o serviço. Este trabalho é um documento para a próxima geração sobre o que aconteceu em Sobibor e sobre a tentativa dos nazistas de apagar a História.” *Yoram Haimi*

“**Meu avô** passou a vida chorando a perda dos pais, que morreram em Sobibor, e desejando ter morrido com eles. Tentei lhe dizer, e aos meus bisavós paternos: ‘A família continuou. Outros viveram.’” *Avi Patt* ■